

A EXPERIÊNCIA DA EXPOSIÇÃO “MARGENS: DIFERENTES FORMAS DE HABITAR PELOTAS” NA BIBLIOTHECA PÚBLICA DE PELOTAS

JANAINA VERGAS RANGEL¹; MARTHA RODRIGUES FERREIRA²; LOUISE PRADO ALFONSO³

¹Universidade Federal de Pelotas – janah_rangel@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – martharof@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – louise_alfonso@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura trazer reflexões sobre a exposição que ocorreu no espaço de arte Mello da Costa, Museu Histórico da Biblioteca Pública de Pelotas, de 12 de julho à 19 de agosto de 2018. A exposição intitulada de “Margens: diferentes formas de habitar Pelotas” surge a partir do Projeto de Pesquisa “Margens: grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas”, que conta com o apoio da FAPERGS, abrangendo cinco projetos de extensão, sendo estes: *Mapeando a Noite: o Universo Travesti; Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas; Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogas e Antropólogos em Formação; O Trabalho Doméstico entre o Passado e o Presente; e A questão Afro-indígena nas escolas: oficinas com multiplicadores sobre identidade, patrimônio e arqueologia*, todos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR, do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFPel.

O espaço de arte Mello da Costa localiza-se no porão da Biblioteca Pública de Pelotas e se destina a contar narrativas sobre o passado da cidade em sua exposição permanente. Porém, em suas exposições temporárias, tem por objetivo dar visibilidade à artistas e grupos diversos da região de Pelotas, mensalmente passam por este espaço exposições que tratam de diversas temáticas, além das artísticas. Como exemplo, citamos trabalhos sobre o cotidiano da cidade e a diversidade regional, tão contrastante às temáticas apresentadas nas outras salas expositivas do museu que, por muitas vezes, nos traz uma visão de um único grupo social.

Geralmente, os museus históricos, trabalham somente com a fala dos povos supostamente “vencedores”, os “vencidos” ficam sempre com uma fala sufocada, silenciada, às vezes muito pouco evidenciada pelas instituições, o que Bruno (2005) chama de memórias exiladas. Neste sentido, a Biblioteca Pública Pelotense tem feito a difícil tarefa de aproximação do acervo com o público, promovendo atividades que alcancem a toda a comunidade e que não represente somente um grupo específico. Todas as exposições ocorridas no espaço tem por finalidade divulgar artistas anônimos e projetos sociais ligados à universidade, como no caso a exposição em questão.

A exposição foi pensada no âmbito do projeto “Margens”, que tem por objetivo a aproximação entre ensino, pesquisa e extensão, propondo diferentes formas de ver a cidade, trabalhando com grupos que sofrem processos de exclusão e que são considerados à margem da sociedade, tendo suas histórias

invisibilizadas pelas instituições culturais locais. O projeto procura identificar e valorizar suas histórias, suas vivências, pretendendo mostrar que as histórias e os patrimônios que são hoje considerados importantes para estes grupos, em sua maioria, não são aqueles considerados importantes nas narrativas oficiais sobre a história da cidade. Para o Margens, são muitas as narrativas possíveis sobre Pelotas, estas com diferentes temporalidades, espacialidades e personagens pois a cidade está em constante transformação, pois as pessoas a constroem em seus cotidianos. A exposição procura compreender as diferentes formas de fazer-cidade, partindo do princípio de que cidade é movimento (Michel Agier, 2015) e que estes grupos transformam e constroem a cidade hoje e no passado, e procura levar estas narrativas para a sociedade por meio das instituições culturais.

Para Ulpiano B. de Menezes, os museus como espaços de memórias e seus objetos tem o poder de representação e de fala da sociedade, são espaços de representatividade social.

[...] certos espaços, paisagens, estruturas, monumentos, equipamentos – enfim, áreas e objetos sensíveis do tecido urbano, socialmente apropriados, percebidos não só na sua carga documental, mas na sua capacidade de alimentar as representações urbanas". (MENEZES, 1985, p. 201).

foi a partir desta concepção de museu e de seu papel social que a responsável pela museologia da Biblioteca Pública solicitou à coordenação do projeto que a exposição Margens fosse (re)montada, neste ano de 2018, no museu histórico, compreendendo este local como um espaço evocador e de transformação social, ao chamar a atenção do público para as outras áreas da cidade, outros grupos, que por muitas vezes estão silenciadas nestes espaços de poder.

2. METODOLOGIA

Todos os projetos de extensão que estão vinculados ao Projeto de Pesquisa Margens são desenvolvidos de forma colaborativa com os grupos trabalhados, sempre procurando construir suas ações e metas em parceria com as comunidades, buscando legitimar suas falas por meio da academia e auxiliar nas lutas destas comunidades.

A exposição foi pensada nesta mesma perspectiva colaborativa. O projeto Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas, por exemplo, quando propusemos a construção de um módulo para a exposição o próprio grupo da comunidade de terreiro selecionou os objetos e demais elementos que iriam compor este módulo.

O mesmo se deu no âmbito do projeto de extensão *Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogas e Antropólogos em Formação*, que procuramos construir em coletivo com todos/as as/os moradoras/es parceiras/os do projeto. Para o Módulo do Passo dos Negros os líderes do Osório Futebol Clube, (clube de futebol que resiste e existe naquele local desde o século passado) selecionaram e emprestaram objetos que representam o Clube, como o troféu mais importante conquistado pelo time e uma

camisa do uniforme do Osório F.C. Já para o módulo do Projeto Mapeando a noite: Universo Travesti, foi posto objetos que representassem as trabalhadoras da noite, segundo elas mesmas, além de elementos da luta das comunidades LGBTQI+, como uma bandeira do movimento, maquiagens, perucas, vestidos brilhantes e uma cartografia que foi desenvolvida na disciplina de Tópicos Especiais em Antropologia e Arqueologia, intitulada “Cidades e suas Margens: trajetos, percursos e mapas”, promovida pela Professora Doutora Louise Prado Alfonso, que trouxe a narrativa da infância da Mestra Griô Sirley Amaro sobre as casas de prostituição do século XX, transpassando pelo presente com as casas de prostituição que foram encontradas durante saídas de campo pelas ruas de Pelotas.

O projeto das trabalhadoras domésticas apresentou objetos do cotidiano dessas profissionais, como: baldes, luvas, vassouras e uma carteira de trabalho representando os direitos trabalhistas há pouco conquistados. Todos estes, selecionados por elas em oficinas realizadas junto ao Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pelotas. Por fim, o projeto que pretende incentivar que a temática história e cultura afro-indígena em sala de aula procurou articular a exposição temporária com a exposição arqueológica de longa duração do Museu, apenas trazendo junto ao acervo arqueológico um banner sobre a importância da temática.

A mediação da exposição ficou de responsabilidade da museóloga do espaço e, durante o último final de semana da exposição, quando ocorre o Dia do Patrimônio 2018, a equipe do projeto Margens auxiliou na mediação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período da exposição, pudemos notar que muitos visitantes não conheciam as comunidades retratadas, outros que passavam se identificavam com os módulos, dividiam suas histórias e vivências com a mediadora. Algumas lembravam da infância, do Clube Osório, das partidas de futebol. Quantas memórias esses espaços podem evocar e o quanto isso pode nos transformar como sociedade.

Nas visitas com as escolas, fizemos a seguinte pergunta: Quais profissões trabalham a noite? As respostas das crianças mostrou o quanto precisamos nos despir do preconceito e o quanto elas estão atentas para a cidade. Devemos também prestar atenção ao que passamos para elas/es enquanto educadoras/es. A fala de uma estudante nos mostrou que as crianças lidam com mais naturalidade e respeito com a temática LGBTQI+ do que as professoras que as acompanhavam. Ela perguntou se poderia tirar uma foto de uma imagem apresentada no Módulo do Mapeando a noite. Quando questionada sobre o porque, apontou para uma das travestis e disse “eu a conheço, desde antes dela ser mulher, apesar que ela já nasceu mulher, nunca foi homem”. Muitas/os estudantes ao olharem para o projeto Terra de Santo, falavam sobre suas vivências e dos pais em casas de matriz africana. Certamente ficaram encantadas ao ver o clube de futebol Osório ali representado.

Alguns visitantes olhavam as fotos do Passo dos Negros, recordando a infância, o jogo de bola, outros a precariedade e a falta de cuidados com as ruas do bairro, que como outros espaços da cidade são esquecidos, essas conversas são fundamentais para pensar na função social na qual o museu se insere e principalmente para saber que público e que camadas sociais são atingidas. Será que o trabalho alcançou o público esperado?

Essa exposição nos mostrou o quanto é importante que os espaços de fala, de representatividade sejam abertos nas escolas, na universidade e, principalmente, nas instituições culturais de forma a desconstruir a história oficial da cidade que a coloca como “a terra do doce”, “dos casarões”, constantemente reforçada. Mas sim, mostrar uma cidade de gente que vive, trabalha, dos seus costumes, da diversidade cultural e religiosa, que é capaz de se transformar constantemente.

Além da conversa através da mediação, a exposição ofereceu dois espaços interativos, foram colocados espaços de escrita entre os módulos expositivos, com perguntas relativas aos lugares da cidade e a relação do público com eles. As/os visitantes citaram lugares já consagrados relacionados aos prédios históricos, poucas/os mencionaram a periferia ou outras comunidades em processos de exclusão. Um espaço para bilhetes também foi adicionado, neste espaço muitos opinaram positivamente sobre a exposição, isso demonstra a importância dessas propostas de interação nas instituições culturais e o quanto temos que abordar a relação entre espaço e cotidiano na programação dos museus.

4. CONCLUSÕES

A partir desse trabalho podemos perceber a importância da ocupação dos espaços das instituições por grupos em processos de exclusão e que os museus devem ser lugares de conflitos, que provoquem o visitante a analisar o local onde vivem e que se apropriem mais da cidade, das narrativas sobre esta e de seus museus. Há muito tempo atrás os museus eram espaços de pura contemplação, os objetos eram os protagonistas, hoje queremos mostrar a cidade, o cotidiano, a/o própria/o visitante como evocador/a, com poder de questionamento e principalmente como agente transformador/a social.

Percebemos também o quão longe nossos museus estão das comunidades, entendemos o quanto as pessoas não se sentem representadas por esses espaços, assim podemos trabalhar formas de atrair o público mostrando narrativas que valorizem vivências plurais. Aproveitamos ainda este texto para ressaltar a importância da salvaguarda e comunicação museológicas para transformações sociais e apresentar nosso manifesto, luto e indignação quanto ao descaso com a cultura em nosso país. #somostodasmuseunacionais!

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, Michel. **Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro.** Mana vol.21 no.3 Rio de Janeiro Dez. 2015.
- BRUNO, Maria Cristina. “Arqueologia e Antropofagia: a musealização de sítios arqueológicos”. In: CHAGAS, M. **Revista do Patrimônio – Museus.** Brasília: IPHA, 2005.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **O museu na cidade x a cidade no museu. Para uma abordagem histórica dos museus de cidade.** Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 5, n. 8/9, p. 197-206, 1985.